



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Na fachada dêste edifício, no pedestal da estátua de Machado de Assis, fizestes colocar, senhores acadêmicos, esta inscrição harmoniosa, extraída de um dos poemas de vosso patrono: "Esta a glória que fica, eleva, honra e consola". 495

Ao passar, pela primeira vez, diante de vossa Casa, detive-me na leitura e na meditação dessas palavras, e comigo mesmo considerei a extrema sabedoria do belo verso machadiano. 496

Se é verdade, como quer um moralista, que o exercício da vida se resume na crescente provisão de máximas e provérbios que o mundo nos ensina a cada instante, as palavras de vosso patrono, que pusestes na base de mármore do seu bronze, correspondem a um lema perfeito, perenemente oferecido à reflexão dos transeuntes. Porque, na verdade, através da consagração acadêmica, é esta a glória que fica, eleva, honra e consola. 497

No confronto da glória política, da glória militar, da glória científica, da glória artística e da glória literária, é desta última que depende, no testemunho e no julgamento da palavra escrita, a sobrevivência dos grandes nomes na memória da humanidade. 498

Aquiles, com a sua coragem, e Ulisses, com a sua astúcia, nada mais significariam para nós, se Homero não os houvesse cantado no verso de suas epopéias. 499

Há poucos dias, na admirável conferência que proferiu no Gabinete Português de Leitura um de vossos confrades e chefe de minha Casa Civil, acadêmico Alvaro Lins, ao estudar o sentido e a genialidade da obra camonianiana, levou-nos a refletir que, mais do que a grande expressão da épica moderna, *Os Lusíadas* cor- 500

respondem à consolidação literária das glórias de Portugal “por mares nunca de antes navegados”.

501 A campanha de Canudos apagar-se-ia na distância do tempo, se não houvesse transitado pelo cenário da luta a exaltação genial de Euclides da Cunha, para extrair do entrecchoque do fanatismo sertanejo e da ordem constituída as páginas definitivas e exemplares de *Os Sertões*.

502 A palavra escrita, que se transfigura em arte, é que atenua e corrige a ação corrosiva do tempo e da eternidade sôbre o efêmero.

503 Esta Academia, longe de ser uma instituição meramente ornamental, é a mais alta expressão nacional da dignidade, da inteligência brasileira no culto dos valores literários.

504 O que tendes realizado, senhores acadêmicos, como labor individual e como obra coletiva, sedimentou admiravelmente o prestígio desta Casa como corporação de mestres.

505 Basta que se considere, numa visão de conjunto, a bibliografia opulenta dos membros da Academia, para logo se verificar que, na operosidade de Rui Barbosa, de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, de Sílvio Romero, de Euclides da Cunha, de Alberto de Oliveira, há uma espécie de cordilheira andina, numa imponente sucessão de culminâncias intelectuais, de que vos orgulhais conosco.

506 Moldada sob a inspiração das glórias da Academia Francesa, a Academia Brasileira, nos cinqüenta e nove anos de sua existência, tem comprovado não desmerecer do seu modelo, sem deixar de ser autenticamente nacional, pela valorização constante de nossas peculiaridades literárias, sociais e lingüísticas.

507 A grande lição das Academias é que aqui o passado deve estar presente na forma do respeito à tradição.

A velha lição goethiana de que a regra e a disciplina são instrumentos de liberdade, encontra neste altiplano a sua aplicação perfeita e natural. 508

A Academia não está a serviço da rebeldia, que ainda não pôde dar a medida de sua grandeza construtiva, e sim dos valores consagrados, que a sociedade já assimilou. 509

A chamada revolução modernista, que travou uma de suas grandes batalhas no salão da Academia, tem entregue a esta Casa, no volver do tempo, os seus chefes e os seus anjos rebelados. 510

Na famosa página em que fez o elogio de José Bonifácio, Rui Barbosa observou que, "entre nós, a vocação literária, em geral, é suspeita aos homens que fazem profissão da carreira pública". 511

Creio que longe vai êsse equívoco, plenamente desfeito no mundo de nossos dias... E o próprio Rui, com a sua vocação de homem de letras e a sua atuação de homem público, há de ter contribuído, de modo significativo, para desfazer a interpretação errada de que o escritor, pelo fato de escrever, escapa ao mundo da ação, que se exige no exercício da vida pública. 512

A Academia Brasileira, além de constituir um cenáculo de puros homens de letras, é uma assembléia de grandes homens públicos, que se contam entre os mais eminentes de nosso país. 513

Presumo que, no curso de tôda a sua história, que é em grande parte a nossa história republicana, a Academia, pela atuação destacada de seus pares, jamais deixou de participar da vida política e da vida administrativa do Brasil. E não faz ainda uma semana que o Ministro Aníbal Freire, ao empossar-se como chanceler da Ordem Nacional do Mérito, acentuou pertencerem aos quadros acadêmicos os seus ilustres antecessores naquele alto pôsto, de acôrdo com uma tradição que eu tenho a satisfação de haver mantido por um ato de meu govêrno. 514

515 Ao anuir ao convite da Academia, para aqui encerrar a Semana do Livro que tive a honra de instituir e que anualmente se iniciará, por minha decisão, na data do nascimento de Machado de Assis, quero afirmar-vos que em mim sempre encontrareis a compreensão e o apoio, a que naturalmente vos credenciais com a relevância de vosso labor e de vossos títulos.

516 Considero do meu indeclinável dever, na chefia do govêrno, com a soma de recursos ao meu alcance, amparar o povo e prestigiar as suas elites.

517 ~ Não obstante a severa politica de compressão de despesas, a que estamos obrigados por fôrça da crise financeira que o país atravessa, jamais deixei de assistir, com as providências de minha alçada, os reclamos da cultura brasileira, nas suas mais diversas manifestações. Se não pequei pela liberalidade, também não incorri na poupança excessiva. No amparo às artes e às ciências, nestes cinco meses como chefe de Estado, penso já haver feito sentir que os valores do mundo da cultura sempre estarão na órbita de minhas cogitações como presidente da República. Assim procedendo, nada mais faço do que atender a uma inclinação natural de meu espírito — a mesma inclinação que me levou a dar especial impulso, como prefeito de Belo Horizonte, à solução moderna dos problemas arquitetônicos e urbanísticos da capital mineira e que invariavelmente me orientou, como governador de Estado, na maior difusão das escolas de nível superior, no estímulo às vocações artísticas, na proteção à pesquisa científica, na criação da biblioteca pública, no convívio dos homens de ciência e dos homens de letras, entre os quais encontrei alguns de meus amigos mais diletos e de meus auxiliares mais competentes e dedicados.

518 E quero deixar nos registros desta Casa, como testemunho escrito de meu propósito de colaborar convosco na benemerência de vossos labôres, o decreto que

aqui irei assinar e que vos permitirá, através da regulamentação de uma lei que conta mais de meio século, a indispensável difusão das publicações acadêmicas.

A língua portuguesa falada no Brasil aqui encontrou a sua adequada uniformidade gráfica, que disciplinou a escrita em todo o território nacional. Em breve, com a assistência que receberéis dos poderes públicos, daqui sairá o dicionário que a Nação espera de seus mestres e que será certamente para nós a mais abalizada codificação acadêmica do belo e rico idioma que recebemos de Portugal. 519

E de tudo quanto fizerdes, em prol da cultura brasileira e da maior glória desta Casa, apenas desejo como recompensa a oportunidade de meus aplausos aos vossos próprios triunfos. 520